

Vovó nos protege

Histórias de crianças para gente grande

Wellington Pereira



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436v PEREIRA, WELLINGTON. 1961 -
VOVÓ NOS PROTEGE / WELLINGTON PEREIRA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

66 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-002-2

1. CONTOS I. TÍTULO.

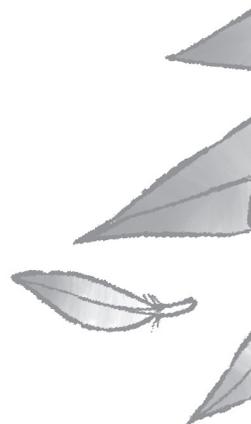
CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



Vovó nos protege: um texto sedutor.

Por Hildeberto Barbosa Filho

Estórias curtas, técnica concentrada, linguagem poética e força imaginativa são alguns dos traços estéticos que permeiam a criação ficcional de Wellington Pereira. Tanto em *As possibilidades do róseo* (1991) e em *Chanel 19: histórias no feminino* (2000), *Catálogo ilustrado da vertigem humana* (2012) quanto em *Vovó nos protege* (histórias infantis para gente grande). Só que nesta reunião de contos, a perspectiva, antes atrelada à experiência de anti-heróis anônimos no livro de estréia e à

sensibilidade feminina no segundo, prende-se agora ao olhar e à percepção da criança, sobretudo no confronto com o mundo ambivalente dos adultos, aqui representado metonimicamente pela figura da avó. Uma avó quase onisciente, memorial, arquetípica.

O subtítulo nos impõe, de imediato, uma discussão acerca da literatura infantil e, particularmente, no que concerne ao seu possível destinatário. Quero crer, no entanto, que Wellington Pereira, consciente da elasticidade da recepção literária, tece seu texto para todos os leitores, isto é, os leitores dos nove aos noventa anos, atento, assim, às exigências artísticas das narrativas mais do que aos seus fundamentos pedagógicos. O terreno que lhe toca, em primeira mão, é aquele que converge para o lúdico e para a fantasia enquanto ingredientes essenciais ao modo de captar as ocorrências do real. Daí, o inusitado das situações e das circunstâncias que envolvem os personagens.

O jogo – e poderia ser a pura brincadeira – consiste numa maneira inventiva de mensurar a realidade, parece sugerir o

primeiro conto, “O dia em que minha vó cobrou o pênalti”. O mito se reescreve na sutileza de “Ariadne dormia” e a dor do sentimento incompreendido flui em “Ana quer beijar os peixes”. O maniqueísmo moral se desfaz em “Cristina é Cristina”, assim como as investidas intertextuais coabitam com os enredos em contos como: “Beatriz e Mallarmé”, “O pequeno Hans”, “Edgar” e “As horas”.

A propósito, os sinais do intertexto claramente expostos nesta coletânea tendem a situar as pequenas narrativas do autor naquela linhagem suplementar do pós-moderno a que alude Derrida, uma vez que não há intenção negadora ou exercício de ruptura na retomada da tradição. Não se deseja combater nem diluir a escrita canonizada, quer ideológica quer estilisticamente. A proposta é trabalhar por acréscimo, detectar novidades, intuir vazios e indeterminações, por fim, reinventar o passado textual no presente da criação.

Um conto, por exemplo, como “Beatriz e Mallarmé” me parece extremamente provocador no sentido peculiar da releitura.

Sintaticamente o texto é pura bricolagem, na medida em que papéis estabelecidos são transmutados pela lógica interna da narrativa. O conceito de poesia periga diante do conceito de prosa. Beatriz não seria a amada de Dante? Seu gato é Mallarmé e ocupa inesperadamente o lugar do porquinho da Índia do emblemático verso de Manuel Bandeira, pois, como enuncia a narradora: “Mallarmé foi o meu primeiro namorado”. Em, “Edgar”, por sua vez, o corvo de Allan Poe se transforma na avó, espécie de anjo da guarda, contrário, portanto, a voz agourenta do “nunca mais”. O tempo e a fatalidade aparecem, por outro lado, como um pêndulo de relógio que estira a língua, no texto de “As horas”, onde Virgínia Woolf, personagem central, reaparece assustada ao lado da avó.

Esta avó, a seu turno, se não protagoniza os acontecimentos da fabulação, exerce, todavia, função decisiva em cada conto. Vejo nela uma espécie de coro dessas pequeninas tragédias a pontuar os eventos existenciais dos seus netos. O título, na sua dimensão indagativa e simbólica, já indica o poder de sua presença. Importa não perdê-la de vista. Ela que protege,

que corrige, que pune, mas que liberta e, enfim, tece as malhas do afeto e se inscreve como porto seguro.

Como poderiam supor algumas expectativas teóricas, afirmo que Wellington Pereira faz literatura infantil, infanto-juvenil ou juvenil. Elabora, sim, um texto sedutor. Um texto que, inlenso às limitações de qualquer tipologia, evidencia-se principalmente em sua função estética. O que, aliás, tem sido a característica mais visível na sua trajetória ficcional.

Hildeberto Barbosa Filho

*é Doutor em Literatura Brasileira,
professor da UFP- Campus de João Pessoa
poeta e crítico literário.*

Vovó nos protege

Histórias de crianças para gente grande

Wellington Pereira





www.editorapenalux.com.br

 wjdop@uol.com.br

 [/wellington.pereira3](https://www.facebook.com/wellington.pereira3)

